Nº 532

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Fundada, sob a angélica inspiração de CLOTILDE DE VAUX,
por AUGUSTO COMTE

O Amor por princípio, e a Ordem por base; o Progresso por fim.
Ordem e Progresso. Viver às claras. Viver para outrem.

IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL
Delegação Executiva da Igreja

BENJAMIN CONSTANT
Comemoração da Fundação da República no Brasil

PRÉDICA

da Cerimônia realizada no templo da HUMANIDADE
do Rio de Janeiro a 15 de Novembro de 1901
(12º ano da República)

POR
R. Teixeira Mendes
Apóstolo da Humanidade

"*...com tão edificante vida, Benjamin Constant Botelho de Magalhães levantou monumento mais perene que o bronze*."
TEIXEIRA MENDES

Exame da crise social que perdura

RIO DE JANEIRO
Ano 156 da Revolução Francesa - 90 da Era Normal
56º da Fundação da República no Brasil
Janeiro de 1944

Apresentação

A *Prédica* que se vai ler, apanhada taquigraficamente, foi divulgada pelo *Correio da Manhã* desta cidade, em seu número de 22 de Novembro de 1901, precedida da seguinte explicação:

"Pedindo à redação do *Correio da Manhã* a publicação da conferência pública realizada a 15 de novembro, pelo cidadão R. Teixeira Mendes, no *Apostolado Positivista do Brasil*, julgamos prestar ao público inestimável serviço.

Os congressistas, porém, viram que, com a realização de nosso desiderato, tiveram os taquígrafos de vencer dificuldades enormes, bastando notar que a conferência foi tomada sobre os joelhos e em incômoda posição. Por isso, e ainda por ter se furtado o orador a revê-la, aqueles, em sua publicação, fomos obrigados a recorrer à memória para superar algumas dificuldades que os taquígrafos por sua situação não puderam vencer[1]."

Transcorridos que são 42 anos, continua, entretanto, de inteira oportunidade a eloquente dissertação apostólica de Teixeira Mendes como verá o leitor. O mesmo fundo, a visão, a apreciação, sobretudo na situação social, na Pátria, no Ocidente e na Terra. É o que testemunham, nas relações mais importantes, as internacionais, a catástrofe fratricida de 1914, e a ainda mais horrível deste momento.

Pela Delegação Executiva da Igreja Positivista do Brasil:

Genoveva Adelaide Nogueira Leal
Cornélio Curvello de Mendonça
C. Torres Gonçalves

Rio, 5 de Moisés de 90/156 (5 de Janeiro de 1944).

[1] João Alfredo Susano - Júlio Oscar de Novaes Carvalho - Egydio Martins. Após a publicação, houve uma revisão do punho de Teixeira Mendes, em um exemplar do "Correio da Manhã", introduzindo numerosas correções e acréscimos, o que conservaria à clareza e principalmente à fidelidade, sem atingir a forma. A presente edição (a primeira em livro) é feita por esse exemplar corrigido, existente no arquivo do Apóstolo.

COMEMORAÇÃO
DO DUODÉCIMO ANIVERSÁRIO
DA FUNDAÇÃO DA
REPÚBLICA DO BRASIL

(15 de novembro de 1901)
Cerimônia realizada no Templo da HUMANIDADE do Rio de Janeiro, presidida pelo **Apóstolo Raimundo Teixeira Mendes.**

PRÉDICA

Mais uma vez nos achamos reunidos para comemorar a fundação da República em nossa Pátria, e mais uma vez somos levados a interrogarmo-nos se há mesmo motivo de júbilo em semelhante data. Se, perante o desânimo geral, o espetáculo deprimente da indiferença popular, indiferença realçada mais pelo contraste das festas convencionais daqueles que se acham de posse das altas posições do Governo, se diante desse desânimo e indiferença há realmente motivos para júbilo.

Si essa interrogação fosse dirigida a qualquer democrata, o que significa, se fosse dirigida à massa geral dos que, entre nós, se proclamam republicanos, fosse qual fosse a posição que esse democrata ocupasse, desde o chefe do Estado, até os membros do Congresso, da Magistratura, da administração pública, em suma; se essa interrogação fosse dirigida a tudo isso que se chama mundo oficial, com a mão na consciência, falando sinceramente, eles não podiam dizer que havia motivo para júbilo.

Porque o espetáculo que as Pátrias brasileiras oferecem no momento é de tal ordem que, com as opiniões, com as aspirações, com os ideais dos nossos democratas, ou não se reconhece diferença entre o estado atual e aquele donde há doze anos atrás o impulso de Benjamin Constant nos quis fazer sair, ou se se reconhece alguma diferença, ela é para pior.

Podemos dizer afoitamente, sem receio que nos contestem, que só nós os republicanos positivistas, verdadeiramente republicanos, podemos conceber a data de hoje como gloriosa, como um dia de festa, mau grado todas as angústias nacionais que, também podemos afirmar, melhor que ninguém sentimos.

E, de fato, qual é a situação presente e qual era a de doze anos atrás? Abstraiamos das leis constitucionais, porque estas valem hoje tanto como valiam no tempo do Império. Nós não somos, de fato, governados, amparados, senão pelas leis morais.

Os governos de hoje, como os de ontem, só não praticam aqueles atentados que a sua própria consciência, que o conjunto dos seus preconceitos não lhes permite praticar; mas, não há barreira administrativa, não há obstáculo no Congresso, na Magistratura, na opinião pública, não há nada que possa contra a prepotência corruptora do governo!

As leis as mais claras, as palavras que não comportam dúvida alguma, tudo isso é torcido a bel-prazer de quem governa; isto agora, como outrora. Pôde-se, pois, dizer, repito, que não somos garantidos senão pelas leis morais. Os nossos governantes não entram nas nossas casas, não entra ao saque a cidade pelos mesmos motivos por que não ousam apresentar-se em público em mangas de camisa e nunca porque haja leis constitucionais que os impeçam.

Portanto, não tratemos de confrontar leis para esses homens, porque elas, se representam algum progresso sobre a legislação da Monarquia, esse progresso para os detentores do poder não existe.

O que é que temos então?

Temos um governo, que é o ministério da Monarquia, o presidente do Conselho da Monarquia, que, em vez de durar 4 ou 5 anos, porque o Imperador assim queria, dura 4 ou 5 anos em virtude das convenções simplesmente. Mas, esse governo julga-se senhor absoluto desta terra, ele faz aquilo que quer. Temos um Congresso composto de uma Câmara de Deputados e de um Senado, e que nos importa saber a diferença entre esse Congresso e o da Monarquia? Ele é unânime como unânime era o da Monarquia; e o maior número de deputados e o menor número de senadores é a única diferença que podemos reconhecer; mas ambos mandando-se aos acenos do poder, fazendo tudo quanto o governo quer. Nos governos dos Estados não temos mais presidentes de província nomeados por decreto do governo d'aqui; mas que importa se o governo central depõe a quem quer e exalta a quem quer?

E, para o símile ser completo, encontramos nas regiões do governo as mesmas pessoas. E como não ser assim se na véspera do 15 de Novembro contavam-se os republicanos a dedo?

São as mesmas pessoas, as mesmas classes, os mesmos abusos, tudo em suma que está aqui, tudo que se chama magistratura republicana, congresso republicano, chamava-se magistratura imperial, congresso imperial, etc. A diferença, se alguma existe, segundo o critério dos nossos democratas, é para pior - o nosso papel valia mais que o ouro e hoje vós sabeis o que ele vale.

Para esse mundo materializado que aí está se há algum contraste, se o contraste se faz em prestígio de alguém, é, pois, em prestígio da Monarquia e não da República. Pois, se tudo isso é verdade, se o confessamos, porque não há contestar, para que nos reunimos em festa e o que significa esta festa?

Senhores. - A sociedade não é o mundo oficial, o governo da sociedade não é esse aparelho que os potentados do dia regulam e cujas funções dividem arbitrariamente entre se, não; a sociedade evolui em virtude das leis que lhe são próprias, em uma palavra, conforme a sentença do nosso Mestre - o homem se agita e a Humanidade o conduz - e nós, apesar do nosso egoísmo, não podemos nos furtar a esse poder colossal, que nos vai guiando.

Pois bem; se nós nos achamos reunidos aqui em festa real, sincera, se nós saudamos o 15 de Novembro como uma data gloriosa, se, apesar de todas as amarguras e contratempos, nós nos sentimos neste dia mais animados é porque contemplamos o progresso real que a Pátria vai fazendo, apesar dos governos desencontrados que tem tido.

E que se a sorte da República houvesse dependido daqueles que têm, nesses doze anos, passado pelas regiões governamentais, há muito que a República teria desaparecido. Mas é que a sorte da República é superior a eles, é que a República constitui alguma coisa que eles nem sequer compreenderam. E, justamente porque eles não compreenderam o que é a República, não podem absolutamente defendê-la contra os sarcasmos dos que se proclamam monarquistas.

O que é a República?

Para sabermos o que é a República, é preciso termos conta do meio social em que vivemos, saber qual era a situação desta sociedade antes de 15 de Novembro, o que foi que representou o 15 de Novembro e qual é a sociedade presente.

Então nós reconheceremos que a nossa Pátria vai avançando, lentamente, é verdade; reconheceremos inclusive que houve um verdadeiro recuo depois de 15 de Novembro. Mas esse recuo, por maior que ele tenha sido, não pôde absolutamente nos recolocar na situação donde o impulso de Benjamin Constant nos tinha tirado.

A sociedade atual resulta do conflito permanente de duas civilizações, digamos de duas religiões que estão coexistindo neste mundo, pode-se dizer, desde o XIV século; uma em destroços que todos os dias tendem a ser eliminados, outra com elementos que se foram elaborando diariamente, que cada vez mais se avigora, cuja concepção já se acha delineada inteiramente, no ponto de vista abstrato, por tal forma que só nos resta passar dessa concepção abstrata, devida ao nosso Mestre, para a sua realização concreta.

É o conflito dessas duas sociedades, da sociedade antiga, que se elimina espontaneamente e da sociedade nova, que se vai instalando; é o conflito dessas duas religiões, dessas duas civilizações, dessas duas sociedades, porque tudo isso são palavras sinônimas, é esse conflito que caracteriza o espetáculo dos nossos dias, em todo o Ocidente e, portanto, no seio da nossa Pátria.

Só nos resta hoje é compreender a delimitação entre os elementos da sociedade antiga e os elementos da sociedade nova; e a formação da sociedade nova e o modo pelo qual a eliminação da sociedade antiga vai se fazendo. Esta sociedade nova e que, considerada no ponto de vista político, considerada sob o aspecto particular da organização política, se chama a República; ao passo que considerada no ponto de vista sintético, da reorganização total, se chama Positivismo.

A sociedade antiga é caraterizada por uma certa disposição intelectual, por uma certa disposição afetiva e por uma certa disposição prática, da mesma forma que a sociedade moderna.

Intelectualmente, a sociedade antiga é caraterizada pelo ponto de vista teológico, monoteísta, católico, com todas as suas variedades, isto é, com todas as seitas que resultarão desse ponto de vista católico. No ponto de vista afetivo, pelo predomínio sistemático, único, coordenado, do egoísmo no conjunto de nossa organização. Eu digo único coordenado, mas isso não quer dizer que a civilização antiga não tivesse procurado coordenar o altruísmo. Procurou, e foi esse o seu grande mérito. Mas o altruísmo foi coordenado mediante essa concepção teológica, que fazia das nossas propensões simpáticas o resultado de uma dádiva da divindade. O homem era concebido pelos católicos como é concebido pelos revolucionários (porque um revolucionário não é no fundo senão um católico, do qual se foram suprimindo certo número de elementos que

antes tornavam a teologia social e moral): o homem era para o Catolicismo, como é para os revolucionários, um ente movido por instintos egoístas, o bem que ele faz é por cálculo no ponto de vista teológico, para conquistar o céu, porque tem medo do inferno; no ponto de vista revolucionário, pelo egoísmo bem entendido, pelo gozo que pode ter neste mundo, pelo medo da cadeia, pelas considerações da vaidade, enfim, pelo egoísmo sob todas as suas formas. Mas o homem é incapaz propriamente de um movimento generoso, porque a moral metafísica, a moral revolucionária, a moral democrática, é a moral teológica, repito, sem os recursos que a moral teológica tira da concepção da graça para representar o altruísmo.

No ponto de vista prático, essa civilização repousava na dignificação da guerra. Foi esse ponto de vista que os revolucionários transformarão em ponto de vista nacional, substituindo até o sentimento da caridade católica pelo sentimento nacional do orgulho patriótico. A ciência tornou-se uma coisa acessória no seio dessa concepção teológica. A indústria tornou-se um acessório neste ponto de vista militar. Este tornou-se um resultado das nossas inspirações egoístas, mais ou menos esclarecidas pela nossa razão, que nos indica quais são os nossos verdadeiros interesses.

Mas a sociedade moderna, esta, que vai tendendo a substituir a sociedade teológico-militar, no ponto de vista intelectual, se caracteriza pela ciência e pela poesia humana. A ciência que não é senão a concepção do conjunto das leis naturais, superior a todo o arbítrio da divindade e arbítrio dos povos, leis que não se prestavam a nenhuma indiferença, as súplicas, insensíveis às ameaças; leis das quais cada uma é um outro elo encadeando o egoísmo e deixando, portanto, livre o altruísmo.

E esta concepção do mundo como regido por uma ordem superior à nossa intervenção, a qual temos unicamente de nos submeter, que é a base de tudo quanto de grande a Humanidade tem feito até hoje.

Eis aí a concepção da sociedade nova, concepção diametralmente oposta à da sociedade antiga que imaginava o mundo regido por um ente onipotente, capaz de alterar e subverter tudo ao sabor dos seus caprichos; e não uma ordem impassível à súplica, em suma, capaz de ser revelada, não pelo comum das

inteligências vulgares, mas por tudo quanto a espécie humana tem produzido de mais seleto, e descoberto por esses gênios mediante uma observação continua, constante, porque se trata de leis que se não decretam, mas que se constatam, que não se criam de pronto em cada cérebro, mas que se vão saindo das profundezas do mundo como se arrancam os metais das profundezas da Terra.

No ponto de vista afetivo maior é o contraste ainda entre essa sociedade antiga e a nova, porque a sociedade antiga, como vos disse, concebeu o homem como ente egoísta, do qual todo o altruísmo vinha de Deus, e, quando a divindade foi tendendo a ser destronada, o revolucionário concebeu o homem como egoísmo puro, e para explicar os efeitos do altruísmo não pode ver outra causa que o egoísmo bem entendido.

Mas, a sociedade moderna concebe o homem na plenitude da sua organização, e esta é a maior de todas as descobertas científicas. Porque foi Gall, afastando as objeções que se apresentavam contra o movimento da Terra, concebeu o Planeta da divindade, Gall, demonstrando no nosso cérebro a sede das nossas funções altruístas, libertou a moral do jugo da divindade.

Pois bem: moralmente, a sociedade moderna repousa no sentimento da fraternidade universal, ela repousa na convicção de que nós tendemos a amarmos uns aos outros independente de qualquer castigo, apesar de todos os martírios, amar em suma tudo quanto é digno de ser amado, sem outro limite senão aquele que resulta da nossa fatalidade orgânica; - amar tudo e todos sem cálculo, sem medo de castigo, sem esperança de recompensa, nem na Terra, nem no Céu; amar por amor do amor, vendo no amor unicamente o prêmio, por tal forma que todas as seções foram transformadas, e a glória, na concepção moderna, passou, de uma vaidade, ao desejo de fazer o bem através dos outros. Em uma palavra, é escusado insistir naquilo que todos sentimos porque somos filhos da civilização moderna: o sentimento moderno é o da fraternidade universal: o homem desprendido de toda a vida egoísta e, no ponto de vista prático, a indústria, a glorificação do trabalho.

O Catolicismo pregou – "bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus" - o Catolicismo glorificou a ignorância; e, fazendo isso, glorificou também a miséria.

O trabalho foi considerado como uma maldição e os seus frutos como outras tantas tentações: nós somos estrangeiros na Terra, nós não devemos da maneira alguma profanar a ordem que a Providência criou; a Terra é feita para nos desprender dela, e o trabalho é uma obra satânica, porque tende a transformar a Terra em verdadeiro Paraíso, de maneira a aumentar as solicitações que temos para ela.

Pois bem, a sociedade moderna glorificou o trabalho, a ação real do homem sobre o Planeta, para transformar a Terra em verdadeiro paraíso. Mas, se a sociedade moderna é caracterizada por essas bênçãos do trabalho, não é principalmente do trabalho sobre a Terra, não. As nossas bênçãos são principalmente para a ação sobre nós mesmos; porque não haveria vantagem em transformar a Terra em paraíso para fazê-la habitada por demônios. Não, se a sociedade moderna abençoa o trabalho é porque nós concebemos a felicidade no nosso planeta com a eliminação de tudo quanto é mau da superfície da Terra - miséria, prostituição, ignorância, dores, moléstia, - em suma concebemos banir tudo isso, e banir graças ao ascendente da fraternidade universal, conduzindo a nossa inteligência, fazendo com que ela nos retrace o mundo, já segundo a ciência, já segundo a poesia, dirigindo o nosso braço para que completemos aquilo que a natureza nos dá espontaneamente.

A indústria humana não é senão uma transformação; nós não inventamos nenhuma de todas as forças colossais do Planeta, não; vamos, por assim dizer, as conquistando, as humanizando.

Pois bem, as tendências do amor da Humanidade, a sua capacidade intelectual, permitem captar a benevolência dessas forças, dando-lhes aquilo que lhes falta - moralidade.

Moralizar, portanto, a ciência e a indústria - eis aí o grande papel que cabe aos instintos altruístas. E eis como concebemos uma sociedade completamente nova; eis como a Humanidade está fabricando, diante dos nossos olhos, não só essa sociedade, como vem construindo, desde as épocas mais remotas, tateando, nos ensinando o seu caminho, semeado de flores, inundado de lágrimas e sangue. Diante deste Grão-Ser que procura a paz no meio da guerra, não é a voz, o grito da sociedade antiga que sentimos

roçar nos nossos ouvidos, proclamando-nos a presença do Sabbaoth, dos deuses dos exércitos, três vezes santo; é a Deusa da paz e do amor, Deusa que procura transformar a guerra em elemento de paz. Deusa, não dos pobres de espírito, mas dos ricos de coração. Ora, vós compreendeis, duas sociedades assim animadas por forças diversas, não podem estar em contato dia a dia, a cada hora e a cada momento, sem que haja profundos conflitos, e é no meio desses conflitos que nós vivemos, e é esse o espetáculo da sociedade moderna.

A sociedade antiga tende a desaparecer, a sociedade moderna tende a prevalecer. Mas, a segunda não podia prevalecer sem que os seus elementos todos estivessem elaborados, estivessem combinados. A ciência não foi obra de um dia, o estudo humano não foi obra de um dia, a indústria não foi obra de um dia, a virtude humana não foi obra de um dia, não foi feita de um momento para outro. Foi obra que não ficou acabada senão em meados do século passado, graças justamente à combinação dos esforços dos Fundadores do Positivismo:

CLOTILDE DE VAUX e AUGUSTO COMTE.

Pois bem, imaginemos essa sociedade futura, essa sociedade moderna, desprendida completamente da sociedade antiga; imaginai uma época na qual o amor não seja mais perturbado por nenhum sentimento egoístico, em que a fraternidade humana seja uma realidade, em que o homem considere como seu maior inimigo justamente as solicitações do egoísmo, em que, portanto, nem miséria, nem moléstia, nem prostituição, nem luxo, nada disso exista mais. Imaginai essa sociedade repousando no conforto que a indústria pode dar a todos, imaginai essa sociedade de indivíduos cujos cérebros se achem Emancipados de qualquer sombra teológica, não cogitando sinal nas grandes concepções da ciência ou nos grandes ideais da Humanidade.

Pois bem, isso é a República. Ora, isso não é o que nós temos aqui. Isto não é o que concebem os nossos democratas. A República para eles o que é? Para eles é a Monarquia sem a família de Bragança. A República para eles se caracteriza por aquele emblema que queriam tirar da bandeira da Monarquia, substituindo a coroa por uma estrela. A República para eles é simplesmente isso. E eis porque não podem defender a República contra a Monarquia.

Mas, agora, resta saber, e nós estamos nos aproximando daí, em que é como o 15 de Novembro representa um passo para a verdadeira República. Detenhamos um pouco mais no exame dessa sociedade antiga, na apreciação dessa sociedade nova.

Comecemos pela sociedade moderna. O elemento fundamental da sociedade moderna sendo o amor, vós compreendeis que a parte principal, aquela que também é a parte fundamental, é a Mulher, é a massa feminina. Ela é que constitui propriamente o coração da sociedade moderna.

Todas as conquistas morais efetuadas pela nossa espécie, tudo isso está condensado na mulher.

Eu vos disse, há pouco: quem nos sustenta são as leis morais, nós estamos a coberto das violências graças às leis morais. Pois eu vos digo: as leis morais valem, porque as leis morais são concretizadas no sexo feminino. Ao lado de cada democrata, ao lado de cada positivista, ao lado de cada homem, seja ele quem for, existem pelo menos

três Anjos tutelares que o acompanham desde o nascimento até a sepultura. São esses Anjos que o amparam a todo o momento, que, apesar de toda a sua degradação, o sustentam, que fazem com que os homens pratiquem até o bem que não queriam praticar. Nós temos ao lado de todos nós uma Mãe, uma Esposa, uma Filha. O tipo da Irmã participa desses três.

E é graças à impressão forte dessa imagem terna da Mãe, da Esposa e da Filha que toda a Mulher tem diante de nós um prestígio excepcional, justamente porque a função da Mulher é uma só.

O homem tem uma função múltipla; diante de cada homem nós dizemos é um cidadão. Mas o que é um cidadão? É um carpinteiro, um ferreiro, um jurista, tudo quanto quiserem, é um Proteu; mas a Mulher não.

A Mulher é o amor, simplesmente o amor.

Todas as mulheres não têm senão uma função única, amar, mais nada; de sorte que aquilo que nós chamamos uma Mãe, uma Esposa, uma Filha, é o amor de Mãe, de Esposa e de Filha. Nós encontramos a Mulher em qualquer lugar: para nós é uma Mãe, uma Esposa, uma Filha. E a sua função sendo a mesma, vós compreendeis essa espécie de ação da Mulher, que a maioria não se dá conta; mas a imagem desperta naturalmente os sentimentos a que ela está ligada. Pois bem, a Mulher forma a base da sociedade nova. Os seus sentimentos são justamente os sentimentos modernos.

É verdade que, à primeira vista, julga-se que a Mulher pertence à sociedade antiga, porque se pensará que ela está apegada às tradições da religião teológica; mas tudo isso é aparente. A Mulher agarra-se unicamente a esses elementos como sendo os únicos que os homens lhe deixam para sistematizar o conjunto das suas inspirações. E, senão, comparai a Mulher moderna com a Mulher antiga. Qual é a Mãe, hoje, na massa geral da sociedade, que considera como um benefício a morte de um filho pequenino? Qual a Esposa que pode suportar hoje, com consciência, diante do cadáver do seu marido, que isso que Deus faz é para melhor? E outras dessas tantas máximas otimistas que se repetiam nos tempos em que o Catolicismo era uma verdade...

Portanto, tomando a massa feminina como ela é realmente, ela representa de fato o sustentáculo da sociedade que tem por base a fraternidade universal, sob todos os seus aspetos; não da fraternidade ruidosa, mas o amor na realidade, o amor modesto, obscuro, da dedicação que ninguém sabe, da dedicação de todas as horas, cujo teatro é o lar e cujos efeitos só sentimos depois de multiplicados nas manifestações da vida social[2]. (*)

O segundo elemento da sociedade moderna é o Proletariado, é a massa dos trabalhadores que representa a Providência geral. É o trabalhador que atua diretamente sobre o Planeta, ele é que recebe as forças da natureza, ele é que as vai buscar, que as armazena; é ele, em suma, que labora diretamente sobre aquilo em que repousa a existência da sociedade moderna.

Esse Proletariado, que nas sociedades primitivas estava em situação escrava, de que uma grande parte ainda há 100 anos atrás se achava entre nós em situação escrava, esse trabalhador que ainda hoje sofre mais que qualquer outro elemento as consequências

---

[2] Veja-se - *A MULHER, sua preeminência social e moral* - seguida de - *A SOLUÇÃO DA QUESTÃO SOCIAL*. Por Teixeira Mendes (1906).

da desorganização social, e sobre o qual recaem as moléstias, a miséria, a prostituição, em suma, todas as calamidades sociais, é justamente ele que está aqui aparentemente indiferente. Mas indiferente por quê?

Porque a República não se importou com ele, porque não há diferença entre a sua sorte na República e nos tempos do Império. Pois, nessa República que proclamou a liberdade, que acabou com todas as distinções de nascimento, nós vemos uma diferença entre o funcionário que se chama operário e os que se chamam funcionários públicos propriamente ditos, entre o empregado de Secretaria e um membro do Congresso.

Por que essa diferença? Pois, porventura, aqueles que menos trabalham, aqueles que justamente estão produzindo o mal continuamente, para esses todos os títulos, todas as considerações, e para o mísero operário nem sequer a sepultura! Essa República, doze anos depois, ainda os atira para a vala, sem distinguir sexos, nem idades?! Pois bem, esta grande massa proletária faz parte essencial da sociedade nova, da futura, porque essa massa representa justamente o trabalho, a indústria; porque sem ela nós não concebemos essa sociedade futura, como não a concebemos também sem a Mulher.

Quando a República for uma realidade, este proletário estará incorporado nesta sociedade moderna, porque participará de todo o bem-estar que resulta do conjunto da evolução humana.

O outro elemento da ordem futura é o elemento que preside ao Proletariado, são os chefes industriais. São os agricultores, os fabricantes, os comerciantes, os banqueiros, em suma, é o patriciado, são eles os diretores imediatos da indústria, de sorte que esta supõe, por um lado, o trabalhador e, por outro, o chefe industrial, que se torna o administrador dos capitais humanos. Ora, se a Mulher já representa um elemento preparadíssimo, se o trabalhador já se acha animado, por sua situação mesma, dos sentimentos sociais da fraternidade mais vasta, porque ele não quer a guerra, a opressão - a fraternidade nestas duas grandes massas, na massa feminina que forma a metade da sociedade, na massa proletária, que forma a maior parte da massa masculina, é uma realidade. Mas há entre as duas massas um contraste que devo assinalar e é que o trabalhador se acha completamente emancipado das concepções teológicas que a Mulher parece ainda acatar; o operário pode não saber nem escrever, mas como a indústria moderna, a grande indústria, a abstrata, verifica, pela experiência, a ciência, e não se pode familiarizar com a indústria sem se familiarizar também com a ciência. Si vós lhe perguntardes um teorema de geometria, as leis de física ou de química, ele não sabe, mas as conhece empiricamente. E como não conhecê-las se todas estas maravilhas que a ciência está fazendo, se tudo isso quem faz é o operário? Que importa que ele não possa fazer um cubo de eletricidade se, de fato, quem fabrica as máquinas elétricas é ele! Portanto, ele tem a compenetração da ciência - aquela que os arquitetos têm. Pensais que um verdadeiro arquiteto, quando planeja um edifício, dá-se ao trabalho de estar calculando a força da resistência? Não, ele já sabe que uma peça de certo diâmetro aguenta certa carga, etc. (*O taquígrafo não pode seguir o orador*) ...De sorte que esse proletário é um homem espontaneamente emancipado das concepções teológicas; para ele a força é a ciência. Infelizmente ele não concebe a ciência senão na ordem material, a ciência para ele, para, quando muito, na biologia.

Ele não sabe que existem a Sociologia e a Moral. E o resultado é que, diante das injustiças sociais, da miséria de que é vítima, vendo os filhos sem pão, a Filha ameaçada da prostituição, a Mulher ao desamparo, ele aceita todas as fantasias, contanto que saia desta situação; e daí todas essas utopias sociais que os burgueses olhão com tanto terror - o anarquismo e tudo mais[3].

Ah! se vinham dizer aos operários que respeitem esta velha ordem social, que não vinham intervir no concerto das festas dos presidentes e reis, que entretanto as fazem à custa do sangue, das lágrimas dos operários!

Sim, o proletário vendo os outros gastarem o fruto dos sacrifícios de muitos anos, só tem um grito de indignação contra esta sociedade! Todo o mundo se indigna contra esta revolta, entretanto, nada mais natural. Quereis ver o proletariado ordeiro? Quereis ver qual a sua sorte? Amai a Mulher, dai-lhe a dignidade que o proletário ambiciona. É preciso que esses anjos não mais vistam andrajos, é necessário que ele veja a sua Esposa, as suas Filhas, a sua Mãe, em suma, a Mulher acatada, respeitada como ele vê acatadas e respeitadas as mulheres das outras classes sociais. Isso é impossível? É difícil? Certamente que não.

O Patriciado convive com o Proletariado, ele sente o valor do Proletariado. Como somos regidos por leis altruístas, como segundo a sentença do poeta florentino, não podemos deixar de amar aquilo que é digno de ser amado, o patrício, o chefe agrícola, o chefe fabricante, o comerciante, o banqueiro, sentem-se arrastados simpaticamente para o Proletariado. Mas ele não tem os mesmos estímulos que o proletário tem, justamente por causa da sua situação. Ele não sente o aguilhão da fome e da miséria, ele não se sente ameaçado naquilo que lhe é mais caro. O proletário pode fechar o seu coração às suas próprias dores - a Humanidade como que o fez um verdadeiro cínico - mas quando ele vê o anjinho - o seu filho, sua Mulher ou sua Mãe, sem amparo; ele que tem orgulho, mas

---

[3] Na *Política Positiva* (vol. I, Discurso preliminar, 3.ª parte: *Eficácia popular do Positivismo*, pg. 131 a 197) Augusto Comte examina a questão social. Qualificando aí de "ilusões subversivas" a solução que se propõe aos problemas sociais, reconhece, entretanto, constituírem, mesmo errôneas, "o único meio de fazer hoje sentir ao proletariado com irresistível energia a questão fundamental" (a incorporação do Proletariado na sociedade moderna). No mesmo volume (Discurso preliminar, p. 473) trata o comunismo de "último estado verdadeiramente homeopático do perigoso comprazimento dos ricos na rotina industrial", e, mais adiante distingue, entre "comunismo verdadeiro", tendência a tornar os bens materiais e espirituais comuns a todos, e o "comunismo atual", tendente a suprimi-los pela violência, indo até a destruição dos adversários. (Delegação).

Veja-se também - *A República e o Comunismo Anarquista* do ano 1892, por Teixeira Mendes, na qual examina o dever de distinguir a anarquia doutrinal da anarquia prática. Uma e outra doutrina se combate com outra doutrina. (Delegação.)

Veja-se ainda, na mesma coleção do *Apostolado Positivista Do Brasil*, relativa ao mesmo ano (1892, pg. 42 a 44), por Miguel Lemos, a resenha posterior que faz, acentuando a necessidade de combater o anarquismo, mostrando contra o que "professam recorrer a toda a espécie de atentados, votando indiferentemente à morte os seus semelhantes, e não hesitando em sacrificar a sociedade e submetê-la a suas ideias, se nisto há ideias." (Delegação).

que tem bondade, quando vê que a sua dedicação não lhes pode proporcionar o bem-estar que ele almeja, então é o orgulho que salta e ele procura pela violência conquistar aquilo que o amor não lhe pode dar. Mas o patrício não está nestas condições. Justamente porque é o depositário das grandes forças sociais, pode proporcionar aos entes que o rodeiam satisfações que não lhe permitem ver toda a gravidade da situação social. Entretanto, o patrício sente o valor do Proletariado, tende a simpatizar com este. Infelizmente é fácil de reconhecer que este Patriciado sofre de um defeito radical, que é a falta de civismo, pois, em vez de civismo, o Patriciado industrial tende a desenvolver o orgulho patriótico. Mas é uma das forças constitutivas da sociedade moderna.

Resta o outro elemento, de todos eles o mais atrasado: é o elemento intelectual. Eu vos disse que a sociedade moderna supõe a fraternidade universal, o amor por princípio, a ciência, a ordem, isto é, o conhecimento que a ciência fornece, como meio, para o aperfeiçoamento contínuo do planeta e da natureza humana, como fim.

Eu vos mostrei como o elemento de onde nos vem o amor é a Mulher; eu vos representei o elemento industrial, aquele que é, diretamente, a Providência geral, o Proletariado, porque reage sobre todos os outros e os chama continuamente ao ponto de vista do conjunto; eu vos assinalei a Providência material, o Patriciado, o preposto pelo conjunto das leis naturais a dirigir o desenvolvimento da indústria.

Falta a ciência. Quem representa a ciência? Quem representa a Poesia? Qual o elemento que investiga as leis; qual o elemento que as propaga e as aplica; qual o elemento que idealiza essa ordem universal; em suma, o que representa aquilo que nas religiões do Passado constituía o sacerdócio? Este elemento, este embrião, está se formando, pois os fragmentos dele é que são caraterizados pelos cientistas dos nossos dias, e pelos poetas (não digo os filósofos, porque estes são metafísicos, espiritualistas ou materialistas). E ao lado desses elementos esparsos, desses indivíduos que são os mais atrasados de todos, pela sua falta de elevação social e moral, é que por isso mesmo, dividindo a regeneração social, apenas há o gérmen do Sacerdócio futuro, quer dizer, os propagandistas do Positivismo.

Eis aí qual a sociedade nova. Vós compreendeis que tratando-se da sociedade, é preciso que os elementos se combinem. Ora, estes elementos não se podem coordenar sem sacerdotes, a classe espiritual, porque toda a organização republicana baseia-se ou resume-se na realização desta máxima, desta lei: Dedicação dos fortes pelos fracos; veneração dos fracos pelos fortes.

Ora, esta veneração dos fracos pelos fortes e esta dedicação dos fortes pelos fracos é que não se podem conseguir sem uma classe de fortes que não tenha outra força senão aquela que lhe venha do apoio dos fracos em virtude da livre veneração destes, resultante da dedicação desses fortes, da dedicação de tal Sacerdócio.

Compreende-se, portanto, que a sociedade moderna se ache entravada em seu voo só e só por falta de semelhante Sacerdócio. É unicamente este elemento que falta, e este elemento não pode surgir senão espontaneamente. O advento dele será uma das demonstrações mais palpáveis da supremacia dos instintos altruístas na nossa natureza, porque se semelhante Sacerdócio não pode surgir sem a veneração dos fracos, não é menos verdade que a iniciativa há de ser uma tomada dele. O Sacerdócio positivista já começou por Augusto Comte e começou justamente pela dedicação, pela bondade.

Como vedes, os elementos de que acabo de falar não fazem parte do Congresso, da Magistratura, do Governo; eles são a Nação, mas não o elemento oficial.

Vejamos agora quais são os elementos do Passado. Estes elementos se dispõem em duas categorias, da mesma maneira que os outros, elementos práticos e elementos teóricos.

O elemento prático do Passado é representado pelo exército de mar e de terra. Ora, esses elementos práticos são suscetíveis de transformar-se. No Brasil todo o exército pode ser transformado em força policial; mas na Europa, onde os exércitos absorvem um número extraordinário de pessoas, a consequência é que uma parte desse exército tinha de ser dissolvida, de maneira que o proletário voltasse à vida ativa e os chefes fossem obrigados também a procurar colocação. Uma parte do exército é que poderia ser transformada em força policial, porque é preciso não esquecer que se é verdade que a sociedade futura supõe o ascendente da fraternidade, não é menos verdade que na nossa natureza existindo o egoísmo, a ordem pública não se pode manter sem um aparelho de vigilância.

Pois este aparelho é que constitui a Polícia, que é um dos elementos da ordem futura.

Na Europa a parte superior do exército é representada justamente pela aristocracia, cujo chefe é a realeza, de sorte que a realeza e o exército formam o conjunto do poder prático que corresponde justamente ao elemento industrial da sociedade moderna.

Esses elementos não podem subsistir como estão, têm de ser transformados. Ao lado desse poder prático existem outros, de caráter militar, que parecem ter caráter civil e, de fato, tornaram-se os herdeiros dos primeiros, são os juristas. Eles formam duas classes: a dos advogados e a dos magistrados, que provieram do poder militar antigo. Foram eles, que tinham hábito de governo, os mentores da sociedade revolucionária, da burguesia revolucionária, isto é, da sociedade moderna, durante a revolução moderna. Primeiro dominaram os juízes, nos antigos parlamentos, foram eles os órgãos da revolução moderna. Depois, quando a revolução estalou, a chefia passou para os advogados, e é por isso que, no Brasil especialmente, vemos a sociedade dominada pelos advogados, quer dizer, a classe jurídica, justamente a que tem menos competência.

Agora, permiti uma interrupção.

Essa tribuna é a tribuna da verdade; nós não viemos aqui absolutamente lisonjear nem ofender a ninguém. Nenhum de nós é responsável de todo pela situação em que surgiu, e se alguns tivemos a felicidade de nos colocarmos em situação tal que foi possível nos transformarmos em positivistas, outros tiveram a desgraça de cair na magistratura, na advocacia, sobretudo; e os lamentamos como verdadeiros membros da Humanidade.

Mas, de todas as classes da sociedade têm brotado verdadeiros beneméritos, e basta lembrar um nome e está dito tudo: Danton saiu da classe dos advogados. Mas, continuando: eis aí os elementos práticos da ordem antiga que têm de desaparecer para dar lugar à sociedade moderna.

Nós temos hoje uma verdadeira duplicata dessas funções: temos tribunais de comércio ao lado dos tribunais civis; temos tribunais arbitrais criados pela indústria ao lado dos organizados pela magistratura; porque temos duas sociedades, uma ao lado da outra, uma que tende a ser eliminada, e outra que tende a surgir, a se desenvolver com os

seus próprios elementos. Pois bem, a Polícia é elemento da sociedade nova, e ela não é só o *gendarme*, que é a transformação do exército; ela é a instituição que está destinada a substituir a magistratura, que por sua vez está destinada a desaparecer. Ao lado da magistratura existe uma outra categoria de funcionários práticos que vêm a ser os diplomatas, que estão também destinados a desaparecer. Ainda aqui é necessário notar, ao lado da diplomacia, representando o regime militar, outra corporação, que é o corpo consular, representante do regime industrial: uma destinada a desaparecer, a outra a ficar.

Vós compreendeis: são duas sociedades tão diferentes que, se uma não suplantou ainda a outra é porque não tem consciência da sua força, pois os chefes industriais não compreenderam ainda a missão que lhes está reservada, de modo que se contentam em andar pelas antecâmaras dos ministros quando eles deveriam ser os verdadeiros chefes da nação.

Quanto à presença dos advogados dirigindo os destinos de um povo industrial é a maior das monstruosidades políticas. Tomai as minhas palavras no sentido que elas têm; um médico, diante de um doente, às vezes, diz que o seu estado é miserável. Não tenho a menor animosidade contra ninguém, se tenho contra alguém é contra mim mesmo, não quero de maneira alguma deixar animosidade; quero apenas dar a cada um a consciência do seu dever, e, se pudesse, começando por mim, tratava de dar o sentimento da penitência, que precisamos fazer, para pôr termo à revolução.

Eis aí o conjunto dos elementos que estão destinados a desaparecer; e elementos que estão destinados a desaparecer não podem procurar manter-se na sociedade senão contrariando a evolução social.

Vejamos agora os elementos espirituais da sociedade antiga. O primeiro é representado pela sua parte mais respeitável, aquela que continua ainda sendo uma força mais útil do que qualquer outra: o sacerdócio das diversas religiões, especialmente o sacerdócio católico.

O sacerdócio católico representa um papel importantíssimo na reorganização da sociedade, porque é ele quem apoia as aspirações femininas. Eu disse há pouco que a Mulher é simplesmente o amor. Mas o amor precisa ser sistematizado, a sociedade precisa de um certo número de instituições. Os homens estão completamente desmoralizados, completamente céticos, eles não têm mais doutrina; quem eles a sociedade estava dissolvida; quem sustenta a sociedade é o elemento feminino, mas para isso são necessárias certas instituições sociais que coordenem a família. Quem apoia a organização dessas instituições é o sacerdócio católico, sobretudo. Os diversos cleros dependentes do sacerdócio católico vêm depois dele.

Entre essas forças do passado, que representam a resistência contra a revolução, enquanto a sociedade moderna vai surgindo, ocupa por isso o primeiro lugar o sacerdócio católico.

Basta reconhecer, - e eu chamo a vossa atenção para este ponto, porque foi um dos serviços beneméritos do Catolicismo -, basta reconhecer que a família está agora desorganizada.

Os homens cada vez estão mais grosseiros, esquecem-se até do cumprimento dos seus deveres, como Irmão, como Esposo; esquecem o cumprimento do dever de homem para com a massa feminina; e o resultado é que a Mulher está completamente

desprotegida, está continuamente exposta a todas as misérias, inclusive à prostituição. Pois bem: é graças ao sacerdócio católico, que procura sistematizar a ordem antiga, que se conservam tantas instituições tão belas criadas para amparo das Mulheres desprotegidas. É isto que a República deve ao sacerdócio católico. A República deve ao sacerdócio católico uma situação de dignidade que lhe permitia preencher essa função segundo o interesse público enquanto às condições sociais o exigirem, situação que o Império não soube nunca respeitar.

Ao lado desse elemento espiritual, que é o elemento orgânico por sua natureza, temos as diversas classes metafísicas, que são os chamados filósofos, e que são puramente dissolventes do teologismo. Eis aí quais são os elementos da sociedade antiga e os da sociedade moderna. Isto posto, em que consiste a evolução humana? Consiste em ter diminuído gradualmente o prestígio dos elementos antigos, de maneira a ativar a sua eliminação, e ter vindo cada vez mais desenvolvendo os elementos peculiares à sociedade moderna, de maneira a assegurar a eliminação completa dos elementos antigos e a organização definitiva dos elementos modernos: em uma palavra, a organização da sociedade normal.

Vejamos, agora que já apanhamos a questão de conjunto, o que representava o Império e o que representa a República: e, então, compreendereis o que foi o dia 15 de Novembro e a gratidão enorme que devemos votar a Benjamin Constant, que foi o único homem, entre aqueles que se puseram à frente do movimento, que teve consciência da sublimidade do seu sacrifício e da sua missão.

A obra do Império representou uma tentativa de amalgamação de todos os elementos da ordem antiga e da ordem moderna. Esta tentativa de amalgamação, portanto, tendendo a eternizar tudo, a manter a putrefação social, se fez sob a preponderância aparente da sociedade antiga sobre a moderna. Pôde-se dizer que esta figurou como tendo obtido umas quantas concessões; e tal organização se patenteava, desde logo, na maneira pela qual os elementos representantes da sociedade antiga se achavam colocados em relação aos representantes da sociedade nova.

Com efeito, à testa da existência social se achava um representante do poder militar antigo e, ao mesmo tempo, do poder teológico, e é isto que significa a Monarquia, a realeza. Mas, este rei já não era rei puramente por graça de Deus; era uma autoridade metafísica na qual se combinavam a graça de Deus e a unânime aclamação dos povos.

Ao lado desse poder real havia sistematizada também a religião católica, como religião do Estado.

Quanto a mim, era o poder representativo, uma Câmara e um Senado, bem como o poder judiciário; porque o que se fez realmente foi uma coisa e o que está no papel é outra coisa, porque quem governou foi o Imperador, foi o poder central, porque este, em virtude dos nossos antecedentes históricos, é que tem força. De que serve que tenhamos um Congresso, se o presidente faz o que quer, inclusive eleger o seu sucessor, porque o Congresso está anulado e de fato estava anulado. No dia 15 de Novembro, podia ter acabado a Monarquia como regime parlamentar; mas tal não aconteceu porque nenhum dos chefes da revolução era Cromwell. Aliás, isso pouco adiantaria em si.

Dizia eu, na Monarquia havia essa religião de Estado, que era a religião católica apostólica romana. Mas ao lado desse poder organizado assim havia uma série de

disposições garantidoras da sociedade nova; e boa parte da Constituição era o artigo 179, onde estavam compendiados os direitos do cidadão brasileiro. Pois bem, esses direitos permitiam um livre surto à Nação.

Basta dizer que, em virtude desse artigo, nenhuma lei se podia fazer senão por utilidade pública. A Constituição do Império acabou com todos os privilégios industriais: o próprio privilégio funerário não existia e não existia de fato até 1850. Mas, depois que se fez o Império, veio, com a Independência, a liberdade industrial e acabou-se com o privilégio funerário, que existia no tempo dos reis de Portugal, dado à Misericórdia, e que foi de novo concedido em 1850, quando houve uma retrogradação.

É escusado insistir neste ponto: apenas estou chamando a atenção para verdes que as leis não valem, quando não há homens para executá-las. O Império garantiu a liberdade de todas as profissões e indústrias, garantiu a supressão de todos os privilégios que não estavam ligados aos cargos por utilidade pública, garantiu que nenhum cidadão podia ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeitasse a do Estado e não ofendesse a moral pública.

Era uma série de artigos de garantia para a Ordem e o Progresso, e estabelecia, por último, que a Constituição podia ser alterada em qualquer ponto, uma vez que não fosse aquele que desse nova organização política à Nação.

Permitia, portanto, a supressão da religião do Estado. Porém, como não são as leis que governam, são os homens, quase todas essas leis, pode-se dizer, ficaram letra-morta.

No Brasil havia o mais completo ceticismo, de sorte que o Império não pôs o problema da organização civil da sociedade. A família ficou entregue à organização católica, não houve outro casamento senão o católico, dando-se lhe efeitos civis. O registro civil de nascimento também não existia, era o batismo, porque nossos pais, quando fizeram a Independência não conceberão a sociedade civil fora da sociedade teológica, de modo que o Império foi uma sociedade teológica. Também a nação não sentia nenhuma opressão com isso, porque a nação estava num estado cético, que temos até hoje, isto é, nesse fetichismo católico e, por isso, olhava a religião como uma coisa de luxo, portanto, rezava, batizava, enterrava na Igreja. Nenhuma importância tinha o casamento civil. O enterro civil não existia, cemitério era coisa que não existia, os enterros se faziam nas Igrejas. Quanto ao serviço funerário, isso não era problema que ninguém se tivesse posto: era a livre concorrência de cada um. Não havia livre-pensador e, se havia, ele era cético que se não importava de parecer católico, depois de morto, no ato do casamento, ou quando levava o filho ao batismo. Portanto, compreendeis qual era a situação inicial do Império.

Com o seu desenvolvimento, estes problemas foram se pondo, não por causa dos brasileiros, mas pela colonização, porque aqueles homens que se colocaram à testa do Império não viram a questão moral. A sua preocupação foi unicamente a questão industrial: braços para a lavoura, braços que procuraram obter, primeiro, pelo tráfico africano e, depois, quando o inglês nos impôs a sua supressão, pela colonização.

O colono que se desejava não era o da nossa raça, não era o espanhol, o português, o italiano; imaginou-se que era preciso sangue novo para a Pátria e foi-se buscar o alemão, que era protestante e a instituição do registro civil do casamento foi criada para ele.

Eis como o Império se desenvolveu. Quando se proclamou a República o problema tinha-se posto, mas de que maneira?

Havia aspirações ao casamento civil; brasileiros natos e descendentes de português o reclamavam; mas era um punhado insignificante, que de nada valia diante da indiferença popular. Havíamos de obter estas coisas de que maneira? Graças à sombra da colonização alemã, teríamos o casamento civil, secularização dos cemitérios, registro civil, por causa dela; era a colonização alemã que nos vinha dar a liberdade de culto.

Nessa situação o Império vê-se arrastado a fazer a abolição, porque a questão social foi a primeira que se pôs na série das transformações tendentes para a República.

Vós compreendeis que se este proletariado, que faz parte da sociedade futura, achava-se - alma, em grande parte, no Brasil, na situação de escravo, o problema urgente era fazê-lo desaparecer. Mas devemos lembrar que os republicanos daquele tempo diziam que República não era incompatível com a escravidão e citavam os Estados Unidos da América do Norte como exemplo; e o resultado foi que toda a propaganda abolicionista se fez fora do partido republicano democrata.

Havia abolicionistas conservadores, liberais e republicanos; havia escravocratas conservadores, liberais e republicanos; fez-se o 13 de Maio e tudo quanto era escravocrata, por despeito, virou republicano. Ora, imaginem que República seria esta! Para esses republicanos, a República era o cartaz do despeito atirado à Monarquia e daí a frase de certo senador, ao descer as escadas do palácio senatorial, depois de ter votado a lei de 13 de Maio: - "*Acabamos de votar a liberdade dos pretos; resta votar a liberdade dos brancos".* [4]

Que havia de ser a República?

Era a Monarquia sem a família de Bragança. Felizmente entre as aspirações republicanas (além de nós positivistas ortodoxos, que não queríamos insurreição absolutamente, que queríamos conquistar as liberdades uma a uma)[5], havia aspirações mais completas, mais radicais do que as dos puros democratas. Entre essas aspirações republicanas estava justamente a do Fundador da República, Benjamin Constant. Mas esse homem tinha-se conservado alheio às intrigas políticas, porque justamente uma coisa que inspirava o espetáculo político no Império, e que é o mesmo que inspira ainda hoje, é a repugnância. No meio daquela dissolução, as almas melhores, mais dignas, se retraíam; e essa era a atitude de Benjamin Constant.

Benjamin Constant tinha conhecido o Positivismo e o conhecia suficientemente para sentir que se tratava de uma reorganização completa da sociedade. Mas ele não conhecia bastante o Positivismo para submeter suas opiniões próprias, na ocasião de instalar essa reorganização, às regras estabelecidas por nosso Mestre. Por outro lado, era militar. E me dispensarão aqui de entrar na gênese do nosso exército, mas há uma

---

[4] É uma frase histórica contada por um senador como tendo ouvido de outro, cujo nome ele cita.

[5] Veja-se a resposta de Teixeira Mendes (Outubro de 1888) à interpelação de Joaquim Nabuco, a propósito da Lei de 23 de Maio. Aí se prevê a República, para breve; prevê que ela viria "*sob a inspiração dos metafísicos reinantes*", mas podendo ser esta poupada ao País mediante a iniciativa governamental da "emancipação imediata, em República, transformando-se de abdicação da força (Ditadura) em liberdade (República)". (Delegação).

circunstância que não posso calar, porque serve para mostrar o contraste entre a situação moderna e a antiga.

Sabeis que nossas forças militares se compõem de forças de terra e de forças de mar. Tínhamos escolas para formar oficiais do exército e para formar oficiais da marinha. Mas entre essas escolas havia profundo contraste, que doze anos depois subsistem ainda. A organização do nosso exército era uma organização sociocrática no rigor da palavra. O general tinha vindo do soldado, qualquer soldado podia aspirar a ser general, sentava praça, requeria entrada na escola e podia um dia ser general.

O general Deodoro não teve outra origem. Benjamin Constant, filho do povo, procurou a Escola Militar, como meio de adquirir instrução, que ele não podia ter por outra maneira. E assim milhares de oficiais do nosso exército vieram das camadas populares.

A Escola de Marinha era uma escola de príncipes, só o enxoval necessário afastaria da escola os que não fossem ricos. Era escola de raça especial. O homem que trazia na face qualquer coisa de origem preta lá não entrava. Ainda hoje é assim; devemos lavrar o nosso protesto contra isso, é uma escola de aristocratas, não é uma escola de cidadãos, de plebeus. Entre o soldado e o general não existe abismo, é questão de entrar na Escola Militar, fazer exames e amanhã esse homem será general. Entre o marinheiro e o almirante um abismo eterno os separa, o marinheiro nunca será almirante. O aspirante não é nada, é um estudante; se não for aprovado, vai-se embora; ao passo que o aluno da Escola Militar, se for reprovado, volta para a fileira.

Não estou dizendo isso para levantar ódios de classe: o meu fim é assinalar a situação em que estamos para mostrar o que é República e o que era o Império. É uma confissão plenária que faço, mais nada.

Mas, continuando: o exército formado desta maneira, tinha naturalmente aspirações populares, o que se não dava na marinha, senão excepcionalmente. Sabemos até que há positivistas na marinha, o que quer dizer que, apesar de tudo, o povo brasileiro é um só. Estas exceções não admito porque a inspiração francesa foi encontrar na democracia e no clero tipos de primeira ordem; basta citar Condorcet, que foi o Pai espiritual de Augusto Comte.

Nestas condições, o exército representava, como ainda hoje representa, em grande parte, a porção da Nação que tinha civismo, que aspirava alguma coisa, na qual se agitava esta questão da reorganização social.

Dada a moralidade de Benjamin Constant, e a simpatia que tinha pelo Positivismo, era natural que os melhores estudantes da Escola Militar se entusiasmassem por semelhante Doutrina e especialmente por semelhante Mestre. Ao mesmo tempo, a covardia do Império fazia surgir a cada passo conflitos militares: já a 13 de Maio os militares tinham-se colocado ao lado da abolição. E a camada governante, isto é, os advogados, que eram justamente a grande maioria da Câmara e do Senado, tinha planejado um projeto que consistia, em parte, em dissolver o exército, levantando contra ele a guarda nacional, o que era um disparate, porque depois tinham de inventar uma outra guarda nacional contra a primeira e assim por diante.

Seja como for, o que é fato é que o exército viu-se arrastado a tomar parte nas lutas políticas; Benjamin Constant era militar, se o comum dos seus camaradas podia

contentar-se com uma simples deposição do Ministério, ele só compreendia que o exército fizesse uma insurreição para varrer os elementos que se opunham à regeneração social. Este ponto é capital. No Império, quando rebentou o 15 de Novembro, a situação industrial parecia até próspera, para esses indivíduos, para quem o câmbio é tudo; basta recordar que o nosso papel valia mais que o ouro.

Benjamin Constant, portanto, concebeu a intervenção do exército para operar a transformação republicana que estava iminente. Esta transformação foi fácil. Ele tinha imaginado que haveria mais dificuldade e partiu com seus camaradas para o Campo de Sant'Ana, convencido de que se ia travar uma luta sanguinolenta.

Felizmente, a atitude de Deodoro, por um lado e, por outro, a de Floriano Peixoto, fez com que nada disto houvesse: as classes militares se uniram e, como era a única força de que a Monarquia podia dispor, o resultado foi que ela baqueou, o que o povo olhou com a maior indiferença...

Foi o sentimento da degradação social que determinou Benjamin Constant a agir. A revolução de 15 de Novembro para ele teve um fito moral. Basta recordar a frase com que ele estigmatizou o último Ministério da Monarquia, dirigindo-se ao Presidente do Conselho: *procurar fazer do cadáver moral da Nação o pedestal da sua glória!...*

Esta frase, como eu dizia ainda esta manhã, junto à sepultura do Fundador da República, se aplicaria àqueles que estão hoje no governo. E o povo está apático, como naquele tempo; julga-se que o povo está assim porque este povo não vale nada.

O sentimento de Benjamin Constant era outro: Benjamin não via este povo revoltar-se e não se admirava. Para fazer o que, se o povo não via um ideal novo? O povo via nas lutas políticas uma questão de pessoas que queriam ocupar os lugares que estavam ocupados por outras. Mas a presença de Benjamin Constant mudou a situação. Reformas com as quais seus companheiros não se importavam, para Benjamin tinham um valor capital.

Para Benjamin a República que ia proclamar não era sem dúvida a Religião da Humanidade, ele sabia que não tinha elementos para isso; mas via quebrar os obstáculos que se opunham ao advento dessa religião. Benjamin via um governo corruptor e corrompido, tão corruptor e tão corrompido como aqueles que o sucederão depois, na República, até o dia de hoje; via a teologia explorando esta situação, de mãos dadas com a Monarquia. Benjamin via o ensino falseado.

Benjamin Constant, que era testemunha de tudo isso, que assistia a essa degradação, urgido pela circunstância, pôs-se à testa do levante militar, fez proclamar a República; mas considerava que, logo a República, como um preparo para a vitória da Religião da Humanidade. Tanto assim que, quando no dia 17 de Novembro, o Apostolado Positivista foi levar-lhe o testemunho da sua adesão, porque não sabíamos de nada e não tínhamos tomado parte na revolução, Benjamin Constant declarou que a República não podia encontrar melhores luzes do que na Religião que se resume na fórmula: "*O Amor*

por Princípio,e a Ordem por Base; o Progresso por Fim", nem melhores guias do que nós.[6]

E durante aquele ano em que esteve no Governo, em que esteve no poder, Benjamin Constant, nos banquetes e nas festas em que tomava parte, proclamou sempre como tendo sido o seu maior empenho contribuir para implantá-la, tanto quanto em se estava, de modo a remover os obstáculos que se opunham à regeneração definitiva da sociedade, mediante o ascendente do Positivismo.

Basta folhear os jornais dessa época para verificá-lo. Benjamin, porém, não sabia qual a solução que tinha de aplicar naquela ocasião. Seus conhecimentos de política positiva não chegavam para isso. Procuramos suprir semelhante lacuna. Foi essa a única intervenção benéfica que tivemos. Sem o seu grande prestígio não podíamos ter conseguido coisa alguma. Graças a ele, conseguimos a separação da Igreja do Estado.

O casamento civil não era uma questão líquida, houve até o projeto de, em vez do casamento civil, instituir-se o registro civil dos casamentos segundo as diversas religiões. Isto vos mostra o pensamento acanhado dos democratas de então.

O registro de nascimentos tinha sido feito no fim do Império. Mas a secularização dos cemitérios não se fez depois de 15 de Novembro: apesar de, no projeto primitivo, de separação da Igreja do Estado, estar introduzido; e vós sabeis que 12 anos depois da República, um contrato se fez com violação da Constituição, a mais escandalosa. Tudo porque só quem se interessa por estas coisas somos nós, os positivistas; a massa da Nação não se importa, porque está ligada ao fetichismo católico, e a classe alta também não, porque, para ela, em uma palavra, a República é o Império.

Em resumo, graças à intervenção de Benjamin Constant, a República pôde se fazer eliminando da legalidade toda a ligação teológica, de maneira a apresentar um Governo completamente civil. De sorte que se pode dizer que o progresso efetuado foi este.

Temos um Governo nas mesmas condições em que o tínhamos antes da República; mas a diferença é que no tempo do Império o Governo estava com aquela ligação teológica, e hoje nada mais disto existe. A consequência qual é? É que no tempo do Império os cidadãos que aspiravam por uma reorganização social olhavam para a substituição da forma de governo, e hoje ninguém imagina mais uma revolução política, porque não temos mais nada a fazer do que uma modificação nos costumes, na opinião, e isso não depende absolutamente mais da vontade do Governo.

Eis aí a diferença que nos separa da Monarquia.

Se é verdade, como podeis reconhecer por vós mesmos, recordando o confronto que acabo de fazer sumariamente, que a situação da sociedade atual resulta do conflito permanente entre a sociedade antiga, que se trata de eliminar, e a futura, que trata de surgir; se é verdade que esta é caracterizada pelo ascendente do amor, da ciência e da indústria, emancipadas da teologia, da metafísica e do militarismo, não há dúvida que a 15 de Novembro instituiu no Brasil uma ordem de coisas que permite esta constituição

---

[6] Vide no *Esboço Biográfico de Benjamin Constant*, por R. Teixeira Mendes, (vol. 2, 3ª edição, págs. 56-57), a narrativa do encontro havido e do longo discurso nessa ocasião proferido pelo Fundador da República. (Delegação.)

da sociedade normal pela superação legal dos diversos entraves que existiam até então; e isto é o progresso que fizemos.

Ora, compreendeis que os democratas que estão aí não podem alegar semelhante progresso; eles, que o estão sofismando todos os dias, mantendo legações junto à Santa Sé, para servir às exigências do clero católico contra a Constituição; que violam a Constituição, para satisfazer às rotinárias católicas; eles não podem vir dizer que o progresso da situação republicana sobre a imperial é justamente que aquela caracteriza-se por um sentimento extremo de teologia.

Entretanto, este é o único progresso que realmente fizemos, e este progresso é puramente devido a Benjamin Constant, porque se não fosse ele, semelhante resultado não seria alcançado.

De sorte que nós podermos resumir tudo isso dizendo que o valor da República em nossa Pátria foi ter permitido pôr o problema da reorganização social melhor do que se achava posto sob o Império: reorganizar sem Deus nem rei, pelo ascendente da fraternidade universal; isto é, pela Religião da Humanidade. Em virtude do conjunto de circunstâncias que atuaram naquele momento, a Família se achava organizada civilmente, não só quanto ao casamento, mas quanto ao nascimento também.

Infelizmente, em certos lugares do Brasil, especialmente na capital da República, não temos ainda a instituição civil da morte; não temos cemitério civil; não temos liberdade de enterrar os nossos; somos obrigados a ser enterrados como o Governo quer que sejamos enterrados. Mas ainda assim, um passo enorme nós demos. Esses homens que disputam o nosso cadáver, para entregá-lo às confrarias católicas, são justamente aqueles que, há séculos, mandavam afiançar a língua aos que não acreditavam na divindade. Hoje, não mandam mais para a fogueira: contentam-se em disputar os nossos cadáveres. Vós compreendeis que um passo enorme está dado.

Não devo separar-me desta reunião sem ter indicado os conselhos de conduta que a nossa religião inspira, diante de uma situação como esta. Em primeiro lugar, sejamos justos. Não imaginemos que a nossa situação é peculiar à nossa Pátria: não imaginemos que alguma coisa de excepcional se dá aqui e que por toda a parte se vive em um mundo de rosas. Sejamos justos, a nossa situação, pode-se dizer até que é melhor do que a do resto do Ocidente.

Por todo o Ocidente, o Governo está nas mesmas condições do nosso, por toda a parte impera a corrupção e a prepotência, por isso que por toda a parte o Governo está nas mãos da burguesiocracia; e naqueles lugares em que não está nas mãos da burguesiocracia, só, está nas mãos da aristocracia e dela, como na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, etc.

Portanto, a nossa situação não é única; é a mesma em todo o continente americano, em toda a Europa. Temos, porém, uma vantagem sobre o conjunto das nações ocidentais, e é, por um lado, que a nossa Bandeira aí está como um programa eterno das aspirações daquele que foi o Fundador da República. *Ordem e Progresso* constituem ao mesmo tempo o resumo das aspirações do verdadeiro político e o axioma dos governos que se

têm sucedido até hoje e não têm feito senão ameaçar, tanto a ordem como o progresso[7]. Essa Bandeira que eles não querem, essa Bandeira que procuraram substituir e não conseguiram; essa Bandeira que se mantém, não direi pelo seu próprio peso, mas pela sua própria virtude; essa Bandeira que mantém a República, apesar de todos os erros do Governo; essa Bandeira, lema da massa geral dos cidadãos brasileiros onde está a solução única de todos os erros do presente. Por outro lado, esta Constituição[8] que, malgrado toda a relutância dos democratas, inscreveu em se todas as conquistas liberais - a mais completa separação entre o poder espiritual e o temporal - isto é, que lançou os fundamentos da ordem futura, esta Constituição nos tira também qualquer pretexto para revolução. É de sorte que a nossa atenção se pode firmar, hoje, unicamente, em procurar tornar uma realidade a divisa da nossa Bandeira - o princípio cardeal da legislação de nossa Pátria.

Não precisamos mais senão de homens que possam cumprir este programa.

Ora, para que esse resultado se dê, para que esta transformação se opere, para que surjam os homens capazes de realizar semelhante programa, só temos uma conduta a seguir: é chamar especialmente a atenção da massa feminina para a Religião da Humanidade. É escusado os nossos concidadãos apelarem sobretudo para a massa masculina: os que apelaram representaram a necessidade da violência: para alterar a ordem de coisas que existe, esperam um salvador surgido no seio da massa masculina; mas nós só nos temos de voltar para a massa feminina.

É preciso que a Mulher Brasileira adira à revolução brasileira. É preciso que ela sinta que no Positivismo é que assenta hoje a verdadeira religião do conjunto das suas aspirações. É preciso que ela veja que, assim como o Catolicismo foi o órgão dos grandes sentimentos, das grandes aspirações populares, quando o mundo antigo se desenvolvia, assim também o Positivismo condensa em si as grandes aspirações dos fracos e dos proletários.

Procedamos por esta forma e veremos a nossa Pátria em condições tais que possa contribuir para a felicidade dos outros povos, e nesse dia os votos de Benjamin Constant estarão completamente realizados; e nós poderemos comemorar esta solenidade, não com a amargura que, mau grado meu, me encheu em toda esta exposição, mas com os verdadeiros sentimentos de júbilo que aqueles que assistiram ao 15 de Novembro tiveram a ventura de partilhar.

R. TEIXEIRA MENDES

---

[7] A Ordem supõe o respeito ao princípio capital da política moderna - Separação do Poder temporal da Autoridade espiritual - garantia de todas as liberdades, sem a qual fica sempre comprometido o desenvolvimento da evolução humana, e que é, do ponto de vista, dependente da estabilidade da ordem material nas sociedades. (Delegação).

[8] A Constituição Federal Republicana, de 24 de Fevereiro de 1891. Existam estes homens, cumpram este programa, e havemos de ver a sociedade futura, a República, em uma palavra, destacar-se suavemente, como a 15 de Novembro ela pareceu ter-se destacado, do conjunto da sociedade antiga; e veremos essa sociedade antiga, iluminada suavemente, aderir, até pelos seus elementos extremos, a esta bem-aventurança que se apresenta para todos igualmente.